

# **Memórias reinventadas em cruzamentos e fronteiras**

Alice Fátima Martins (FAV/UFG)

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa  
Avançado de Cultura Contemporânea

Goiânia/2012

## Contexto geral da pesquisa

Na segunda década do terceiro milênio da Era Cristã, no Ocidente, são recorrentes os discursos, nos circuitos intelectuais e artísticos, no âmbito das ciências e também no senso comum, que articulam defesas entusiasmadas deste como sendo o tempo quando os territórios – geográficos, culturais, e quaisquer outros – se sobrepõem, as identidades se tornam impermanentes, e as fronteiras se desfazem, esboroam-se sob o avanço das tecnologias da comunicação, o avanço dos movimentos do mercado e suas mercadorias, a ampliação e sofisticação do desejo dos consumidores, as diásporas, as migrações, os interesses de ordem econômica...

Antes que o consenso autorize o compartilhamento coletivo passivo a esse respeito, é preciso retomar algumas perguntas que antecedem a conformação de tais convicções: Que fronteiras são referidas nesses casos? Que dissolução ou esboroamento estão em curso? Do ponto de vista de quais sujeitos sociais? Atendendo a que interesses nas relações de força que não concedem tréguas em conflitos e tensões nem sempre explicitados? Quando não terá sido assim?

Cedo à tentação de imaginar a grande saga humana, desde os primeiros humanos em África, rumo aos quatro cantos do mundo, tais como a Austrália, e as Américas – que só seriam assim chamadas muitos milênios depois de sua chegada. Além disso, é preciso lembrar a *pangenia* humana, cujas bases, por si só, refutam qualquer possibilidade de fortificação da mera ideia de identidade fixa, ou de fronteiras estáveis, desde a aurora dos tempos. Quantas fronteiras terão sido dissolvidas, esboroadas, desde antanhos? E quantas outras terão sido erguidas, muitas das quais na ilusória esperança de serem definitivas, ou quem sabe apenas para assegurar a próxima etapa da caminhada.

Identidades móveis, diásporas, migrações. Nômades, ou sedentários? A humanidade teria sido, em algum momento, sedentária? O que é o nomadismo? A natureza humana nunca deixou de ser migrante e mestiça desde os primeiros tempos...

Essas questões, de natureza mais abrangente e geral, formam o ambiente para o projeto de pesquisa intitulado “Memórias reinventadas em cruzamentos e fronteiras”, cujo objetivo é discutir o conceito de *fronteira* no cenário da cultura contemporânea, entrecruzando questões relativas a pertencimento, identidade e alteridade, memória. Para tanto, a pesquisa será desenvolvida numa região de fronteira entre países, mais especificamente entre o Brasil e o Paraguai, nas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Historicamente, essa fronteira é portadora de marcas indelévels deixadas, em meados do século XIX, pela Guerra do Paraguai, ou Guerra da Tríplice Aliança, também chamada A Guerra Grande: a nomenclatura depende do ponto de vista do narrador. No início do século XX, foi ocupada por colonos migrantes, e em meados desse mesmo século teve sua paisagem irreversivelmente transformada pela agricultura intensiva. As avenidas transitadas nos limites entre-povos, entre-países, século XXI adentro, são tomadas por estabelecimentos comerciais onde se compram e vendem uma larga escala de produtos importados, contrabandeados, falsificados, negociáveis nos mais variados preços, em sua maioria com a marca *made in China*. É um território desde sempre e ainda hoje trespassado por tantos conflitos em sua demarcação, ocupação e desenvolvimento, o que inclui a dramática dizimação de inúmeras comunidades indígenas.

A fronteira geográfica e política articula um contexto sócio, econômico e cultural tenso, dinâmico, movimentado, propício ao levantamento de referenciais para se avançar nessas questões. Ao som polifônico do português de sotaque carregado, do guarani e do castelhano crioulo, entremeado de falares orientais, o trânsito é intenso, entre paraguaios e brasileiros, soldados, índios, negros, pardos, brancos, espanhóis, portugueses, japoneses, chineses, coreanos, árabes, gaúchos, paranaenses, catarinenses, paulistas, baianos, correntinos, forasteiros, colonos, agricultores, pecuaristas, maquinários, gentes que cultivam soja e criam gado. Será que a colheita vai dar para pagar as dívidas? Bandos de emas e siriemas que sobreviveram à extinção das matas e dos campos alimentam-se das lagartas nas plantações. Gentes que cultivam tradições, índios desterrados, membros do MST se aventuram nalgum novo acampamento. Trabalhadores paraguaios ganham alguns trocados do lado de

cá da fronteira. Policiais pedem documentos e examinam veículos em busca de contrabandos, enquanto “mulas” transportam drogas esgueirando-se entre a mata. Memórias de uma guerra que nunca se acabou desenham trilhas. Comerciantes asiáticos vendem bugigangas lá e cá. Compram-se e vendem-se mercadorias e serviços a preços cotados em dólares, guaranis e reais. Defuntos são abandonados na “linha” – a “terra de ninguém”, a estreita faixa divisória entre os dois países, traço que demarca o mapa geográfico. Quantos desta vez? Sacoleiros chegam de todas as partes do país, camelôs vendem produtos baratos e vagabundos. Por que não se encontram mais lojas onde se vendam *ñanduti* e roupas de *ao po'í*? Nos CTGs e Clubes do Laço há festa nos finais de semana. Silos de armazenagem de grãos aguardam a próxima safra. Será que a chuva demora a chegar? Velhos assistem reticentes e com certa angústia as mudanças das paisagens e dos tempos na moldura da varanda de suas casas. Jovens planejam conquistar o mundo com suas camionetes prateadas, último lançamento. Toda sorte de consumidores cavalga motos chinesas compradas ao custo de meia dúzia de centenas de reais, até que sejam apreendidas pela polícia por falta de documentação regulamentar, ou se estraguem, sem conserto porque descartáveis, e sejam substituídas pela próxima, também a baixíssimos custos.

Na fronteira, a vida corre assim.

Tensões sem trégua dão o tom das relações. Embates subliminares formam a base de quaisquer negociações. Em territórios de conflitos, cada qual trata de salvaguardar-se de argumentos e evidências que comprove pertencimento, que lhe assegure vinculações, que dê garantias de posse. Em jogo, propriedade da terra, direito de ir e vir, capacidade de compra e venda, poder de consumo, direitos à saúde, educação, segurança, direito à vida.

Nessas relações, as narrativas de cada qual são rearticuladas continuamente, de acordo com os jogos de força e tensões estabelecidos. E as memórias vão sendo retecidas continuamente, reconfiguram-se de acordo com as emergências, as prioridades, os interesses em questão.

## **Delineamentos da pesquisa**

Esboçado o cenário geral, a proposta organizada neste projeto de pesquisa é discutir as noções de fronteira, memória, pertencimento, tem como motivação inicial uma saga familiar: a migração das famílias materna e paterna, no início do século XX, do Rio Grande do Sul até a fronteira entre o Brasil e o Paraguai, em busca de lugar para fixar residência, onde pudessem produzir econômica e culturalmente. A viagem cumprida tanto por uma como pela outra família, em tempos distintos, e seguindo percursos também diferentes, foi feita em comboio, formado por carros de bois. Um grupo cumpriu o percurso no tempo de 7 meses. O outro grupo, em razão de adversidades envolvendo conflitos e estados de sítio, demorou 2 anos para chegar ao destino traçado previamente.

Tendo nesse relato o ponto de partida, nesta pesquisa se buscará compreender como algumas referências importantes na formação daquele espaço têm ganhado representação na memória e no imaginário dos que ali vivem atualmente, bem como os modos como habitantes mais antigos do lugar reconstituem suas histórias de instalação e desenvolvimento daquele grupo social e sua cultura. A intenção, nesses termos, é registrar narrativas formuladas a partir de diversos pontos de vista, buscando estabelecer as relações entre o lugar do narrador, seus percursos e motivações, e suas narrativas.

Essas referências podem ser organizadas em alguns eixos, que se seguem:

1. **Memórias da guerra:** em que medida os rastros da Guerra estabelecida entre os países da Tríplice Aliança e o Paraguai podem, ainda hoje, ser notados naquele contexto? Em que medida têm sido sistematicamente apagados da memória dos habitantes? Como informações a respeito da guerra aparecem em suas memórias, em seus relatos, no imaginário, em características do lugar?

2. **Memórias da migração:** relatos sobre os dois grandes processos migratórios ocorridos no início do século XX, e entre as décadas de 60 e 80, sobretudo do sul do país para aquela região. Modos de instalação no novo lugar.
3. **Memórias da ocupação da fronteira:** narrativas sobre chegadas e organização das famílias na região da fronteira – narrativas formuladas por antigos migrantes, migrantes mais recentes, paraguaios, grupos indígenas, comerciantes, entre outros.

Esses relatos deverão ser registrados em vídeo, fotografia, e envolverão, também, a recolha de imagens fotográficas e outras, como documentos de análise. Também serão buscados documentos antigos, e outros artefatos capazes de referendar ou deflagrar as narrativas. Do mesmo modo, serão feitos registros, em fotografia e vídeo, dos movimentos na área limítrofe da fronteira: paisagens, pessoas, instalações diversas.

A fotografia e o audiovisual cumprirão papel estruturante nesse processo, considerada sua importância como veículos e ferramentas articuladoras de memórias, tanto quando assumem a natureza documental, como quando se aliam ao imaginário, com seu potencial de compor ou disparar narrativas, reiventando interpretações e apropriações possíveis do já vivido.

Os estudos culturais e a cultura visual à queles filiada fornecerão a orientação epistemológica para o desenvolvimento desse esboço de estudo sobre esse recorte da memória das gentes que habitam aquela fronteira especificamente, memória individual e coletiva, em embates e tensões, em tessituras das malhas sociais. Sem deixar de ter em consideração que a memória nos mostra quem somos, pela apropriação, produção, conservação e evocação de informações.

## Cronograma

Visita a campo, para recolha dos relatos e pesquisa documental: julho/2012, janeiro/2013, julho/2013

Revisão bibliográfica: julho/2012 a setembro/2013

Análise dos depoimentos e documentos: março/2013 a setembro/2013

Roteiro para audiovisual: setembro a dezembro/2013

Edição de material audiovisual: dezembro/2013 a março/2014.

Elaboração do relatório final de pesquisa: setembro/2013 a março/2014

## Bibliografia referencial inicial

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, in *Obras escolhidas; magia e técnica, arte e política*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 165-196.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

BOSI, Eclea. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne G. A fotografia como objeto e recurso de memória, in *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANINI, Miriam; MARQUES, Otacílio; MUNIZ, Nancy (Org.). *Imagem, memória e informação*. Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2010.

MARTINS, José de Souza. *Uma arqueologia da memória social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 15/04/2012.

RICARDO, Salles. *Guerra do Paraguay: memórias e imagens*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional & Fundação Miguel de Cervantes, 2003.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.

SCHENEIDER, L. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*. Porto Alegre: Editora Pradense, 2009.